

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE LUTAS POR MORADIA EM PARINTINS (2017 – 2022)¹

Kennely Rabelo Fernandes*
Orientadora: Mônica Xavier de Medeiros**

RESUMO:

Este artigo aborda a história das ocupações de terras urbanas em Parintins através da imprensa digital e de narrativas orais no período entre 2017 a 2022, que corresponde às três últimas ocupações ocorridas no município. Parintins possui um longo histórico de ocupações de terras, que desde a década de 90 passaram a ser apossadas por famílias que necessitavam de moradia fixa. Atualmente, a cidade revive esse contexto, em novas áreas (Ocupação do Castanhal, Pascoal Alágio e Residencial Parintins). Para a realização deste trabalho recorreremos a arquivos como o jornal, a metodologia da História Oral e pesquisa bibliográfica. Para discussão teórica utilizei autores como Souza (2017) Helene (2019) e Capelato (1988) que foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. A partir das análises, percebemos que a visão da imprensa silencia os sujeitos que lutam pelo direito a moradia na cidade, e evidenciam apenas a versão dos proprietários das terras, contribuindo ainda mais para o apagamento desses sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização; Imprensa; Gênero; Parintins;

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa é fruto de uma pesquisa realizada por meio do Programa de apoio à Iniciação Científica (PAIC)² que buscou analisar como as ocupações de terras urbanas em Parintins/AM foram interpretadas pela imprensa. Nessas análises buscamos nos jornais virtuais e blogs que circularam no período de 2017 a 2022, como as mulheres eram retratadas nesses movimentos, especificamente nas lutas por moradia nas ocupações do Bairro Pascoal Alágio,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para obtenção do título de licenciada em História (Semestre Acadêmico de conclusão 2022/2).

* Acadêmica do curso de licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins, (CESP), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: kennelyrab@gmail.com

** Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC/SP. Professora do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA.

² Título da pesquisa: Histórias das ocupações de terras urbanas em Parintins através da imprensa (2017-2022), realizada no segundo semestre de 2022 e primeiro semestre de 2023.

Castanhal e do Residencial Parintins (Vila Cristina), além de buscar nesses locais, as narrativas orais dos sujeitos sociais que protagonizaram esse processo. Para isso, além da imprensa utilizamos a metodologia da História Oral, que enseja a análise da memória desses sujeitos através de diferentes narrativas, possibilitando o acesso à novas versões para a História da cidade.

Para análise da visão da imprensa sobre estas ocupações de terras urbanas que ocorreram a partir de 2017 buscamos nos jornais digitais locais, publicações que faziam menção às ocupações existentes. O interesse em pesquisar sobre as ocupações surgiu a partir da realização do meu projeto de extensão, que apesar de estar ligado ao Ensino de História, objetivava produzir materiais didáticos sobre a história dos bairros Itaúna I e II, Paulo Correa e União, originados de ocupações, para alunos de Ensino Fundamental que moram nessas localidades do município. No desenvolvimento do projeto, com as leituras e vivências nos bairros, fui traçando novos objetivos de pesquisa.

A pesquisa está inserida no campo da História Social por buscar reconstruir as vidas e aspirações das classes trabalhadoras, sendo considerada uma perspectiva inovadora para a escrita da história, pensada por Jim Sharpe (1992, p. 43) como a história vista de baixo. A História Social, originada no movimento dos *Annales*, possibilitou novas abordagens, metodologias de pesquisa e fazer historiográfico ao preconizar a história-problema e contrapor a história dos grandes nomes. Para Hebe Castro (1997), é difícil produzir uma história escrita que não seja a social, e recorre a afirmação de Dubby de que o homem em sociedade constitui o objeto final da pesquisa histórica.

Dessa forma, consideramos importante discutir narrativas poucos iluminadas pelos historiadores, pois temos o intuito não somente de ver como essas mulheres são vistas pela imprensa local, mas também compor essas visões e narrativas com os relatos orais que segundo Alberti (2011), “tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário” (2011, p. 157) através da metodologia da História Oral.

Como um dos objetivos desta pesquisa, busquei problematizar, também, as memórias de mulheres que protagonizaram as ocupações de terra em Parintins (2017-2022), visto que existe uma forte presença feminina nas lutas por moradia. Para perceber as mulheres na organização e nas relações estabelecidas no processo de ocupação, foi desenvolvido um tópico que dá mais dimensão ao assunto e possibilita o entendimento sobre suas experiências nesses espaços. As narrativas dão acesso às memórias, que segundo Portelli (1997), “são fontes históricas” (1997, p. 05), essas fontes, por sua vez, compõem a identidade desses movimentos sociais e possibilitam analisar os acontecimentos.

Temos como objetivo analisar as interpretações sobre as ocupações de terras urbanas em Parintins através da imprensa e perceber como os jornais veiculam a participação de mulheres nos movimentos de moradia, assim como compreender a relevância da imprensa e as relações que ela possui com a política local. Por esse motivo, recortamos o período entre 2017 a 2022, que corresponde às três últimas ocupações no município para realizar a pesquisa. Considerando que já existem diversos trabalhos acadêmicos que tratam da temática de ocupação de terra urbana por moradia no município, farei a sistematização dessas produções com suas principais abordagens.

Para compreender as temáticas abordadas nesta pesquisa alguns textos foram fundamentais, autores como: Hebe Castro (1997) e Jim Sharpe (1992), foram referências nas discussões sobre a História Social; Diana Helene (2019) ofereceu referencial para a discussão de gênero e movimentos por moradia; Maria Helena Rolim Capelato (1988), trabalha as possibilidades de fazer pesquisas com a fonte jornal; os textos de Verena Alberti (2011) e Marieta Ferreira (2012), serviram como referencial teórico para a metodologia de História Oral; Marcia Motta (2012), Alessandro Portelli (1997) e Michael Pollak (1992) para compreender a memória social; e Deise Oliveira (2011), Lucineli Souza (2017), Jheniffer Rodrigues (2020) e Kássia Muniz (2019) são referências de escrita sobre as ocupações e interpretações de jornais de Parintins.

As categorias analíticas que norteiam esta pesquisa são: urbanização, história da cidade e movimentos sociais. Para Raquel Rolnik (1993), “a questão fundamental para os historiadores urbanos” (1997, p. 03) seria pensar o “significado dos processos de territorialização [...] na história e sua relação com os processos mais global e genérico de transformação que acontece na vida social, econômica e política dos povos” (1997, p. 03). Identificar os fatores que influenciaram as ocupações faz parte dessa pesquisa, de modo que podemos historicizar a urbanização desordenada de Parintins.

Carlos Rangel (2009) explica que a cidade é “como espaço de sociabilidade com características particulares que [podem] ser utilizadas nas pesquisas de historiadores interessados em estudar o universo urbano como objeto central e não apenas como cenário ou contexto” (RANGEL, 2009, p. 111). Nesse sentido, a *História da Cidade* guia esta pesquisa, por capturar nesses espaços urbanos alguns aspectos que explicam o que faz a cidade ser como ela é.

E por fim o conceito de Movimentos Sociais. Maria Gohn (1997), recorre a Castells para afirmar “que os movimentos de massa (entre eles os movimentos urbanos) produzem

transformações qualitativas, no sentido amplo do termo, na organização urbana por meio de uma mudança, pontual ou global, da correlação de forças entre as classes" (1997, p, 192).

O trabalho está dividido em tópicos, o primeiro trata das ocupações de terras urbanas em Parintins/AM desde a década de 1970. O segundo tópico, denominado caminhos da pesquisa, está dividido em dois sub tópicos onde faço uma análise sobre a Imprensa como fonte histórica, e da História Oral e memória. No terceiro tópico História das ocupações (2017-2022), está dividido em três sub tópicos, cada sub tópico trata de uma ocupação específica. No quarto tópico temos a discussão sobre Mulheres, Luta por moradia e Memória, nele compreendemos o papel das mulheres nos movimentos de luta por moradia.

1.1 AS OCUPAÇÕES DE TERRAS URBANAS EM PARINTINS/AM

Parintins é um polo de atração por possuir universidades, escolas, hospitais e pelo próprio festival folclórico, de modo geral, as pessoas vêm para o município em busca de melhores condições de vida, porém as expectativas são frustradas pela deficiência de moradia, decorrente dessa prolemática, muitas famílias acabam vivendo em condições precárias pagando alugueis caros ou morando em casas de parentes, o que enseja as ocupações.

Na década de 1990, iniciaram as ocupações na Fazenda Itaúna protagonizadas por movimentos sociais. Hoje essas ocupações são reconhecidas como bairros Itaúna 1, Itauna 2, Paulo Corrêa e União, que beneficiou milhares de famílias. Nos trabalhos das historiadoras Regiane Rodrigues (2008), Lucineli Menezes (2017) e Jheniffer Rodrigues (2021), podemos entender a fundo sobre as lutas dos moradores dos bairros Itaúna 1 e 2. Sobre a criação do Bairro Paulo Correa, podemos ter como poio os textos do autor Gilciandro Andrade (2009). Nos anos 2000, mais especificamente em 2009, a fazenda Itaúna foi ocupada mais uma vez, hoje conhecemos a área como bairro União, podemos entender a história da formação desse bairro a partir dos trabalhos dos autoresTiago Figueira (2012) e Cleunildes Santos (2014).

Além das ocupações que se organizaram através de movimentos sociais, Souza (2013) explica que o aumento populacional desde 1970 fez com que Parintins fosse se expandido com ocupações espontâneas, são eles: Palmares em 1970, São Francisco, Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora de Nazaré, São Vicente de Paula, entre outros que surgiram em 1980. Há também bairros originados de loteamento particulares como o Djard Vieira, João Novo, Jacareacanga (1990) e o primeiro loteamento do Pascoal Alágio (2000).

Mesmo após esse longo histórico de ocupações, a carência por moradia continuou, e sete anos após a última ocupação na Fazenda Itaúna, novas áreas foram ocupadas, como é o

caso da Ocupação do Castanhal, Ocupação do Residencial Parintins e Ocupação do Pascoal Alágio

A partir de 2016 os jornais virtuais de Parintins noticiavam acontecimentos relacionados às novas áreas (públicas e privadas) que estavam sendo habitadas de forma “irregular”, como é o caso das ocupações do Pascoal Alágio, Castanhal e Residencial Parintins. Atualmente estes locais não são considerados bairros, ainda utilizam energia elétrica clandestina e possuem ruas sem asfaltamento, porém já contam com água encanada e seus moradores pagam o consumo, o que apresenta uma garantia de permanência nos terrenos.

A área em que está localizada a ocupação do Pascoal Alágio pertencia a família do empresário Manoel Esteves e compreende uma área maior que os bairros originados na Fazenda Itaúna, sendo considerada pelo jornal *Parintins Amazonas* a maior ocupação já existente no município³. Segundo a manchete publicada, o terreno que deu origem a ocupação estava loteado para venda, alguns lotes já possuíam novos proprietários, causando atrito com os filhos do empresário, que solicitaram reintegração de posse. A área ocupada seria a segunda remessa de terras loteadas para venda. No depoimento do senhor Pedro Esteves ao jornal digital *Reportér Parintins*, ele diz que o primeiro loteamento iniciou depois da Lei 005/2003 do dia 6 de junho⁴, assinado pelo prefeito Eneás Gonçalves⁵, que deu origem ao bairro Pascoal Alágio, por isso, a ação dos ocupantes ficou conhecida como ocupação do Bairro Pascoal Alágio.

Os movimentos de ocupação do Castanhal, localizada na fronteira do Bairro União aconteceram no início de 2017. Neste mesmo ano, houve tentativas de reitegração das terras por ser uma área de preservação ambiental de castanheiras, o que levou as famílias carentes a realizarem protestos em frente à prefeitura de Parintins⁶, conforme mostra nos registros do Jornal *Parintins Amazonas* em fevereiro de 2017.

³ Notícia do dia 14/06/2016, por Hudson Lima, disponível em: <https://www.parintinsamazonas.com.br/?q=279-conteudo-12031-maior-invasao-de-terra-em-parintins-familias-ocupam-pascoal-allagio>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

⁴ Notícia do dia 22/02/2018. por Hudson Lima, disponível em: <https://www.parintinsamazonas.com.br/?q=279-conteudo-77980-prefeitura-de-parintins-deve-cumprir-papel-de-finalizar-pascoal-allagio-e-casas-populares-diz-pedro-esteves>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

⁵ Eneás de Jesus Gonçalves Sobrinho, foi prefeito de Parintins em dois mandatos, o primeiro em 1988 (Partido não identificado) e o segundo em 2000 (PFL).

⁶ Notícia do dia 01/02/2017, disponível em: [Sem Terras da ocupação do Castanhal protestam contra declaração de Bi Garcia e pedem solução \(parintinsamazonas.com.br\)](#). Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

Figura 01 – Alguns momentos da manifestação em frente à prefeitura de Parintins.



Fonte: Jornal Parintins Amazonas.
Notícia do dia 01/02/2017. Por: Hudson Lima.

Segundo o *Parintins Amazonas*, a iniciativa de reintegração de terra partiu do prefeito Bi Garcia, alegando ser contra as “invasões” na área pertencente à prefeitura. Isso nos leva a uma reflexão sobre a preservação da área protegida em relação à vida das pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social.

Essa preocupação com as árvores só se tornam, ou só vem a tona quando pessoas mais pobres ocupam esses lugares. As castanheiras se tornaram motivo para a não amparo dessas. No local, as castanheiras apresentam riscos para seus ocupantes pois as casas foram construídas em seus arredores, como mostra a figura a baixo.

Figura 02 – Vista parcial da Ocupação Castanhal
Acervo pessoal de Kennely Rabelo, 2022.



Figura 03 – Castanheira com Placa de Proteção Ambiental na ocupação Castanhal.
Acervo pessoal de Kennely Rabelo, 2022.



Em 2019, ficaram registrados os movimentos de ocupação do Residencial Parintins; de acordo com o AM *em Pauta*, o Residencial começou a ser construído em 2012 pelo Programa Minha Casa, Minha Vida, sete anos passaram e as obras não foram concluídas o que levou à

ocupação dos imóveis⁷. Segundo o Jornal, pelo menos 200 famílias sorteadas ocuparam as casas no dia 1 de julho de 2019.

Figura 04 – Ocupantes do Residencial Parintins (Vila Cristina)



Fonte: Jornal AM em Pauta.
Notícia do dia 04/07/2019. Por: Marcio Costa.

2. CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA

As pesquisas em jornais, conforme aponta Daiana Barbosa (2016) surgiu com o “alargamento do campo de preocupação dos historiadores, em concordância com os *Annales*, que teve na década de 70, com a Terceira Geração, novas possibilidades, pois propunham novos objetos, problemas e abordagens” (BARBOSA, 2016, p. 03). Os periódicos desde então, passaram a ser usados frequentemente por historiadores como objeto e fonte de pesquisas que possibilitam a “recuperação do passado” (LUCA, 2005, p. 112). Ao trabalhar a imprensa como fonte histórica, Cruz e Peixoto (2007) defendem que, podemos entendê-la como “uma força social [que] propõe a reflexão sobre sua historicidade a cada conjuntura estudada” (2007, p. 253). Tendo que ser realizado um processo de análise para a sua compreensão. E por consequência de um conjunto de procedimentos metodológicos chegamos a uma consideração final sobre o documento.

⁷ Notícia do dia 04/07/2019. Por: Marcio Costa. Disponível em: <https://amempauta.com.br/?q=291-conteudo-103565-sorteados-das-casas-do-residencial-parintins-ocupam-imoveis-permanentemente> Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

Para Maria Capelato (1988) anteriormente a imprensa era considerada uma fonte ‘pouco confiável’ para a pesquisa e recorre à Wilhelm Bauer para afirmar que o jornal, é uma verdadeira mina de conhecimento, fonte de sua própria história e das situações mais diversas, meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas (CAPELATO, 1988 p. 21).

Capelato (1988) explica que no Brasil “a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e a temem; por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais” (CAPELATO, 1988, p. 13). Em Parintins, a imprensa - seja ela em forma de jornal virtual, impressa ou as estações de rádio - carrega consigo a preocupação de propagar notícias que lhes tragam relevância política e social, afinal, estão ligados a pessoas que assumem cargos públicos, estabelecendo assim uma troca de interesses. Ao analisar os periódicos *O Medio Amazonas*⁸ e *O Parintins*⁹, Kassia Muniz revela que “era evidente a forte relação com prefeitos, governadores, senadores, deputados, vereadores, empresários e grupos de grande influência política” (MUNIZ, 2019, p. 07) na cidade com os periódicos.

Considerando a crescente presença dos jornais em Parintins a partir da segunda metade do século XX, podemos perceber que os periódicos produzidos nesse contexto possuem grande influência no município; Em Parintins, nas décadas de 1950 e 1960, além da Rádio Alvorada¹⁰ e jornais impressos, havia alto-falantes em postes de madeiras espalhados pelas suas poucas ruas (OLIVEIRA, 2011, p. 25).

Em seu trabalho sobre o processo de urbanização da cidade de Parintins (AM), Nilciana Souza (2013) afirma que os primeiros jornais a circularem com as informações da cidade foram o “Tacape” e o “Parintins” que pertenciam ao Partido Republicano Federal e era dirigido pelo Coronel José Furtado Belem (SOUZA, 2013, p. 47). A partir de então foram surgindo novos periódicos que veiculavam as notícias da cidade. Atualmente não há mais jornais impressos circulando no município, o que podemos perceber são os jornais on-line e de acordo com o Guia de Mídia¹¹, são dezesseis sites virtuais que atuam como portais de notícias, como mostra o quadro abaixo.

⁸ Jornal impresso fundado por Dulcídio Vaz de Campos que circulou no município de Parintins de 1970 a 2000.

⁹ Jornal impresso originado em 1985 pela família Góes e circulou por um período de dez anos em Parintins e em Manaus.

¹⁰ A Rádio Alvorada é uma transmissora coligada ao Sistema Alvorada de Comunicação, que pertence a diocese de Parintins. Seus conteúdos são diversos, mas incluem programação religiosa. Disponível no site: <http://www.alvoradaparintins.com.br>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

¹¹ Disponível em: <https://www.guiademidia.com.br/amazonas/jornais-de-parintins.htm>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

Quadro 1: Jornais virtuais e Blogs de Parintins
 Fonte: Guia de Mídia 2022.

	Jornais virtuais/Blogs
01	O Jornal da Ilha – Parintins
02	Parintins em Destaque
03	Reporter Parintins
04	Folha de Parintins
05	Blog da Ilha Tupinambarana
06	Blog do Nelson Brelaz
07	Blog do Tadeu de Souza
08	Am em Pauta – Parintins
09	CNA7 – Parintins
10	De Amazonia – Parintins
11	Parintins 24 Horas
12	Parintins Amazonia
13	Parintins Noticias
14	Parintins Press
15	Radio Alvorada Parintins FM 100,1
16	Prefeitura Municipal de Parintins

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020, Parintins possui uma população estimada em 115.363 habitantes, comparado à década de 1960 quando os primeiros jornais circulavam na cidade, havia pouco mais de 27 mil, totalizamos um aumento de 87.838 habitantes em 60 anos. Esse crescimento simboliza não somente a urbanização de Parintins, Souza (2013) explica que, “Parintins foi gradativamente evoluindo em seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais”, envolvendo os meios de comunicação que foram se tornando mais diversos e acessíveis para a população.

Esse aumento populacional ocasionou também as primeiras ocupações por movimentos sociais, e elas podem ser percebidas nas produções acadêmicas de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, que fazem análises da urbanização desordenada e interpretações da imprensa. Deise Oliveira (2011) em seu trabalho sobre interpretações do Jornal *Novo Horizonte*¹² a respeito do crescimento urbano em Parintins, afirma que a imprensa parintinense passava uma visão pertencente à classe religiosa do município. E muitas vezes, ligava os descasos e violências nas ocupações à falta de Deus. As notícias na época evidenciavam apenas um ponto de vista sobre os territórios, denunciando os acontecimentos violentos ou algo que culpasse os ocupantes pela desordem na cidade.

O jornal atuou como mecanismo que propagava uma visão elitista, afirmando certos aspectos e classificações sobre os ocupantes e por muito tempo a população aceitou essas definições e considerou o ato das famílias como marginal. Oliveira (2011) aponta que, segundo os jornais, “à questão da pobreza, violência e falta de educação” (OLIVEIRA, 2011, p. 38) estava sempre ligada as ocupações.

Ao analisar a visão dos periódicos impressos sobre as ocupações de terras que ocorreram a partir de 1990, buscamos entender, através dos jornais digitais, as interpretações sobre os novos territórios ocupados.

Consideramos pertinente assinalar as diferenças e aproximações entre a imprensa digital e a imprensa impressa, a primeira corresponde à facilidade que a notícia chega até nós leitores. Por muito tempo, levava-se meses para que as notícias chegassem aos seus destinos, por meio de jornais impressos, documentos oficiais e cartas. Hoje, com o desenvolvimento da tecnologia os jornais online nos dão acesso à notícias internacionais em questão de segundos.

O jornal, principal fonte de notícias no século XIX, perdeu espaço “no século XX, primeiro pelo rádio, depois pela televisão e na última década, pela tecnologia digital”. (Arnt, 2002, p. 1). A imprensa on-line tem como possibilidade a utilização de recursos multimídia, com vídeos e áudios, diferente dos periódicos que utilizavam apenas as imagens em suas matérias. Outro ponto importante é em relação ao armazenamento dos arquivos, enquanto os jornais físicos sofrem alterações com o tempo, podendo ser danificados por insetos e fungos, os virtuais permanecem intactos¹³. A acessibilidade também é uma diferença, visto que edições antigas de jornais ficam guardadas em hemerotecas, e os virtuais podem ser acessados por

¹² O Jornal Novo Horizonte começou a circular em Parintins em 7 de maio de 1994 e tinha viés cristão, estreitamente ligado a Igreja Católica.

¹³ Consideramos que existe a possibilidade de fazer edições/alterações nos jornais digitais sem informar o leitor, por isso, é uma fonte histórica que precisa ser analisada minuciosamente.

internet em diferentes lugares. Os sites e blogs são novos formatos de imprensa que nos mantêm informados.

Para Fábio Almeida (2011), “a Internet configura-se como uma nova categoria de fontes documentais para pesquisas históricas”, dessa forma, a utilização das fontes digitais são importantes para a realização deste trabalho. Atualmente são poucos os trabalhos que utilizam os documentos digitais como fonte, vale destacar também que a imprensa digital, assim como foi a imprensa escrita no passado também é comumente vista com desconfiança. Segundo Almeida (2011), “tal resistência está relacionada, em parte, com a herança metodológica positivista que privilegiava os “papéis” oficiais”. Acreditamos que para o exercício da História do Tempo Presente o historiador deve adaptar-se à realidade que estamos inseridos ao invés de fechar os olhos para o novo.

Uma vez que a História Social considera os sujeitos e suas ações como principal objeto de pesquisa, não podemos deixar de fora a internet, que “vem crescendo significativamente desde os anos 1990” (ALMEIDA, 2011, p.12), e representa um ambiente virtual de socialização dos mesmos. Nossos documentos digitais são os jornais virtuais (sites, blogs e publicações em páginas de jornalismo do Facebook), eles envolvem um conjunto de práticas e ideias que são disseminadas diariamente e geram interações de milhares de pessoas que podem ser analisadas do ponto de vista historiográfico.

Na realização da pesquisa foi necessário seguir alguns critérios para a escolha dos jornais virtuais, em primeiro lugar fizemos a seleção a partir da identificação de jornais que fossem de Parintins e que noticiassem as ocupações, neles as chances de ter documentos que auxiliassem a pesquisa seriam maiores. Uma vez selecionados, foi criado um documento Word à parte com o link de cada site para facilitar as buscas de notícias, posteriormente, capturamos as notícias que pretendíamos analisar armazenando-as em outro documento Word com uma breve descrição ao lado. Para o Luciano Figueiredo (1997)

(...) as transformações que a informática vem implantando nas instituições de memória apontam para um futuro diferente nas pesquisas em arquivos. Isso se refere sobretudo às novas formas de armazenamento do material dos acervos” (1997, p. 591).

De fato, as contribuições da informática nas pesquisas históricas estão ligadas à facilidade e “possibilidades de contribuições metodológicas” (FIGUEIREDO, 1997, p. 617), contudo, reforço a fala da pesquisadora Célia Tavares (2012) de que a informática é para os

historiadores “um importantíssimo instrumento, uma ferramenta extremamente útil que, se não for usada com habilidade e prudência, pode se tornar completamente inútil”.

2.2 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

Outra metodologia escolhida para a realização desse trabalho foi a história oral, considerada um método de pesquisa em história que utiliza depoimentos gravados como fonte na produção de conhecimento histórico. Esse campo de pesquisa ganhou bastante espaço no meio acadêmico no século XX, e é conhecida como um instrumento da história do tempo presente por ser um método contemporâneo de realizar pesquisas, e pode ser entendida também como fonte subjetiva por se tratar de memórias individuais e coletivas, como defendia Michel Pollak (1992).

Segundo Verena Alberti, essa metodologia consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2011, p. 155). A partir dessas entrevistas, os relatos dos sujeitos entrevistados passam por um processo classificado por Marieta de Moraes Ferreira (2012) como “procedimentos de trabalho” funcionando como uma ponte entre teoria e prática; ou seja, uma gravação não pode ser classificada como história por si só, ela deve passar por um processo de estudos, que vai buscar em teorias, explicações para aquelas narrativas. Ferreira (2012) nos diz também que o uso sistemático do testemunho possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, nesse sentido, esse método faz capturas de “eventos ou processos que as vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos” (FERREIRA, 2012, p. 171, 2012).

É nesse sentido que a história oral se faz importante, por capturar versões de pessoas que até pouco tempo atrás não tinham importância para a escrita da história, como os grupos citados acima. A partir da história oral, estes grupos passaram a ser importantes no processo da pesquisa em história social pois muitas vezes eram eles próprios que protagonizavam movimentos.

Ferreira (2012) reforça que a história oral é caracterizada pelos trabalhos sobre “movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas (FERREIRA, 2012, p. 171); a partir dessa perspectiva ela está ligada à história dos excluídos, ou seja, esse método nos permite ouvir essas camadas mais populares

(PORTELLI, 2010), resultando em um novo sentido e novas representações à determinados acontecimentos - o que chamaríamos de o outro lado da história – afastando-se de uma produção positivista que pertencia ao século XIX.

Para Michael Pollak (1992), a história oral é amparada pela memória, pois, é a partir das memórias que é possível produzir representações de determinados períodos e acontecimentos (POLLAK, 1992, p 208). Nesse sentido, temos que entender de que maneira a memória pode atuar na construção da identidade do lugar a ser investigado.

Segundo o autor, a memória pode ser compreendida como fenômeno individual, e dependendo do significado do acontecimento para aquele indivíduo, pode ficar registrada como evento marcante. Por outro lado, a memória também pode ser entendida como “um fenômeno coletivo e social, ou seja, como fenômeno construído coletivamente” (POLLAK, 1992, p. 202); nesse sentido, podemos entender que a memória é também um fenômeno construído e reflete na identidade social, pois para Pollak, a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado. Essa seleção de lembranças ou acontecimentos muitas vezes favorece políticos, evidenciando uma história mais elitista. Podemos, “portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (POLLAK, 1992, p. 205) A história oral visa recuperar essas memórias coletivas ou individuais a fim de compreender a identidade de determinado grupo social a qual se está investigando.

Marcia Maria Menendes Motta (2012) explica que “a história do tempo presente é o lugar autorizado para se construir uma narrativa científica acerca do que vivemos, do que estamos consagrando como memória e, por constante, do que estamos esquecendo” (MOTTA, 2012, p. 34). Assim, entendemos que a História não é feita apenas de acontecimentos distantes do tempo que vivemos, mas cada ser humano pode ser entendido como sujeito social. Para Motta, as memórias são fontes históricas, e ainda

[...] exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupo, consagrando os elementos pelos quais os indivíduos se veem como pertencentes a determinado coletivo, muitas vezes em detrimento de outrem (MOTTA, 2012, p. 25).

É nesse sentido que objetivo desenvolver este trabalho, buscando narrativas de mulheres que protagonizaram as ocupações de terra em Parintins. Através das memórias e narrativas sobre as vivências e desafios na luta por moradia dessas mulheres podemos

compreender esses movimentos sociais que muitas vezes são alvos de preconceitos dentro do próprio município.

No entanto, é necessário reconhecer que a pesquisa em história oral não se resume apenas em entrevistas e narrativas de um passado recente, testemunhos coletivos ou individuais, é preciso lembrar que a escrita da história do tempo presente também se faz pela crítica historiográfica. Os documentos gravados são apenas parte do processo da pesquisa em história, ainda há mais questões a serem investigadas, definida por Ferreira como ponte entre teoria e prática: é o trabalho de levantar questões dos depoimentos e problematiza-las, pois, “na teoria, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões, ou seja, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas” (FERREIRA, 2012, p. 171).

Com isso, ao pesquisar sobre movimentos sociais de ocupação na cidade de Parintins, é importante fazer a utilização dessa metodologia, valorizando as figuras presentes nesses espaços, que são especialmente as mulheres. E através dos relatos individuais sobre o processo de ocupação das terras nos anos entre 2017 a 2022, podemos compreender as lutas e o cotidiano desses sujeitos.

No desenvolvimento da pesquisa foram realizadas duas entrevistas com duas mulheres que moram nas ocupações do município, sendo uma do Castanhal e outra do Pascoal Alágio. O contato com essas pessoas se deu em um período de transição entre a pandemia e a volta das atividades presenciais, onde todos os envolvidos encontravam-se vacinados contra a Covid-19 com pelo menos a primeira dose. A primeira entrevista foi realizada com a senhora Dagilza Oliveira Araújo¹⁴ no dia 4 de dezembro de 2021, na residência da professora Mônica Xavier, orientadora desta pesquisa, pela professora Tatiana da Rocha Barbosa e por mim que no momento era bolsista do Projeto de Extensão.

A segunda entrevista, foi realizada no dia 8 de maio de 2022, na ocupação do Castanhal, na residência da colaboradora¹⁵ que não quis se identificar, consideramos a sua vulnerabilidade social como justificativa para a não identificação. A entrevistada pediu para que não a indentificássemos pois não tem emprego fixo e por cuidar sozinha da criação dos seus três filhos, assim não queria ficar exposta numa cidade pequena como Parintins. De modo geral, as entrevistas contribuíram para análise das memórias desses sujeitos que protagonizaram os movimentos de luta por moradia desde o início das ocupações.

¹⁴ Moradora da ocupação do Pascoal Alágio desde 2016.

¹⁵ A mesma afirma não lembrar o ano em que ocupou o terreno.

Além dessas entrevistas, nos dias 23 e 24 de fevereiro deste ano, foi realizado o evento Ocupar e Resistir: Direito a moradia em Parintins/AM, no auditório da UEA, campus Parintins para debater o direito a moradia, planejamento urbano e habitacional do município, neste evento estiveram presentes os presidentes das associações, Rafaela Alfaia Ribeiro do Residencial Parintins, Edinei Almeida Santarém do Pascoal Alágio e o senhor Kildson Teixeira Roberto do Castanhal; pesquisadores que trabalham a temática de movimentos de luta do moradia como as pesquisadoras Lucineli de Souza Menezes e Jheniffer Natividade Rodrigues; e os representantes do poder público municipal Edy Albuquerque Secretário Municipal de Administração e Marcos Andrey Coordenador de Habitação, neste evento foram gravadas as falas desses sujeitos que contribuíram para a escrita desse trabalho.

3. HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS OCUPAÇÕES (2017-2022)

3.1. OCUPAÇÃO DO PASCOAL ALÁGIO

O aumento populacional e aumento do preço de itens básicos para a sobrevivência era uma realidade no Brasil no contexto político e econômico de 2015, assim como o aumento do desemprego e a proliferação de trabalhos precarizados. Consideramos esses fatores contribuintes para as novas ocupações de terras urbanas na cidade de Parintins. E vemos um pouco disso na fala do presidente da Associação de Moradores Unidos por uma melhor Ocupação do Pascoal Alágio, Edinei Almeida Santarém, conhecido como Hulk, durante o Evento Ocupar e Resistir realizado na UEA, ele explica:

Nós ocupamos o Pascoal Alágio no dia 02 de junho de 2016. A ocupação vai fazer sete anos. O deficit habitacional no Brasil hoje, segundo fonte do IBGE é cinco milhões oitocentos e sessenta mil pessoas sem casa. Só na capital do estado do Amazonas, Manaus, é quatrocentos e sessenta mil pessoas sem casas, sem moradia, isso no Amazonas. Em 2017, 2016, fontes do IBGE, Parintins tinha um déficit habitacional de 8 mil pessoas sem casa [...] (Edinei Santarém, 2023)

O senhor Edinei aponta os dados do IBGE, evidenciando a falta de moradia no contexto nacional, estadual e municipal como forma de respaldar a ação dos sujeitos que protagonizaram a ocupação, ele explica que as famílias que ocuparam o terreno em sua maioria não tinham condições de pagar o aluguel, e moravam com mais de uma família em uma casa, sem privacidade e condições de uma moradia tranquila.

No dia 14 de junho de 2016 o jornal *Parintins Amazonas* divulgou uma notícia sobre a ocupação de terras da família Esteves, na redação escrita por Hudson Lima, ele ressalta a fala do empresário Pedro Esteves um dos filhos de Manoel Esteves: “Na última *invasão* conversei com eles e expliquei porque eles tinham que deixar a área. São ocupações orquestradas, infelizmente” (depoimento dado ao Blog DeAmazônia. Jornal Parintins Amazônia, 2016¹⁶).

Um dos principais argumentos utilizados para deslegitimar os movimentos sociais de luta por moradia é a alegação de que se trata de uma “indústria da invasão”, na qual o maior interesse das pessoas seria a obtenção de um terreno para fins de especulação imobiliária. O próprio termo “invasão” já é problemático uma vez que as ciências sociais alega ser uma expressão pejorativa para designar as ações de luta por moradia, podendo ser entendido como bagunça ou desordem. O termo considerado correto pelos cientistas sociais é “ocupação”, porém, é comum que as ocupações sejam chamadas de invasões por uma forte influência da imprensa, a partir de uma visão hegemônica e que associa a imagem das famílias como causadores das mazelas sociais.

Para contestar essa ideia vinculada pela imprensa e os grupos dominantes, uma das moradoras da Ocupação do Castanhal, Maysa Nunes Bentes, que também esteve presente na mesa Ocupações pelo Direito a moradia em Parintins: histórico e demandas, do evento Ocupar e Resistir, afirma:

Se você visitar a ocupação do Castanhal, eu vou falar porque sou moradora de lá, você vai ver, grande maioria dos terrenos estão ocupados, são famílias vulneráveis, humildes, né, que são pescadores, tricicleiros, ambulantes, que vendem, que fazem artesanato. São esses perfis de pessoas que moram na ocupação do Castanhal, se você ver um ou dois ou três “micro-empresário”, né, que estão lá pra fazer aquela *especuliarização* imobiliária, tem. Que não vou mentir que tem, tem. (Maysa Nunes Bentes, 2023)

Em sua narrativa, ela afirma a fragilidade econômica dos sujeitos mas também explica que há aqueles que já possuem casas, inclusive já tendo participado de ocupações anteriores.

Durante a participação dos moradores das ocupações na mesa Ocupações pelo Direito a moradia em Parintins: histórico e demandas, no evento Ocupar e Resistir, percebemos a dificuldade deles em pronunciar o termo “Especulação imobiliária”, ao que indica, eles ouvem esse termo com frequência e nos leva a acreditar que são acusados pela prática de acumular terrenos para venda, ou seja, mais uma tentativa de deslegitimar o movimento

¹⁶ Notícia do dia 14/06/2016, por Hudson Lima, título: Maior ocupação invasão de terra em Parintins; famílias ocupam Pascoal Alágio, disponível em: : <https://www.parintinsamazonas.com.br/?q=279-conteudo-12031-maior-invasao-de-terra-em-parintins-familias-ocupam-pascoal-allagio>. Acesso em: 1 de fevereiro de 2023.

Uma das colaboradoras deste trabalho, Dagilza Oliveira, relembra o início da sua trajetória na ocupação:

Na ocupação estou há 5 anos, né. Quando terminei da faculdade eu não tinha mais como realmente pagar (aluguel), então minha irmã me falou: mana, você quer um terreno lá na invasão, pascoal alágio? Aí eu falei que não tinha como, porque realmente eu ainda tava trabalhando né, mas ela disse: não mana, por você eu vou. Tá bom então, então ela tirou um lote, né, aí ela começou a limpar, mandou fazer uma casinha pra mim, aí eu fui. Fui pra lá dia 5 de dezembro, né, comecei a morar lá, mas quando eu cheguei assim, realmente eu estava tive que resistir, porque eu sabia que não tinha pra onde eu ir, né, com meus filho. É... energia era muito difícil, era parte mais escura, e aonde minha irmã tirou o lote, era alagada, mas mesmo assim eu fiquei lá, né, a casinha fizeram de maneira tinha que ter assoalho pra poder a água não pegar na gente, mas mesmo assim a água invadiu, e ninguém saiu de lá, a gente ficou lá, praticamente 1 ano dentro d'água. Aí então, com a ajuda da irmã Benedita, né, uma senhora indígena também que mora próxima à minha casa, falou pra Cláudia Cláudia é da comissão de frente, é a primeira da comissão, junto com o Hulk” (Dagilza Oliveira, 2021)¹⁷

Dagilza ficou sabendo da ocupação através da sua irmã, seis meses após o início. Ela nos conta sobre as lutas e desafios na permanência de sua família na ocupação, mas que mediante todo o sacrifício conseguiu seu pedaço de terra. As famílias ficavam sabendo da ocupação a partir dos seus parentes, amigos e vizinhos. A colaboradora Dagilza relata sobre o incentivo de ir para a ocupação: “aí é um encorajando o outro, bora lá, bora lá, aí vão embora, aí então, fica assim, um ligando o outro” (Dagilza, 2021), como forma de apoio, os sujeitos se comunicavam entre si para conquistar suas moradias. As primeiras casa eram na verdade apenas barracos, afim de garantir seu pedaço de terra, muitas famílias construía seus barracos e cobriam com plásticos e até mesmo com papelão, para vigiar seus terrenos com medo de que outras pessoas se apossassem.

Em 2017, houve a tentativa de reintegração de posse, expedida pela justiça, das ocupações do Castanhal e do Pascoal Alágio. No dia 5 de maio de 2017, o Jornal *Parintins 24hs*¹⁸ divulgou uma notícia a respeito da reintegração do loteamento Pascoal Alágio, nele o juiz Fábio César Olintho declarou que as pessoas

Se qualificam como empregadas domésticas, autônoma, professora, pescador, auxiliar administrativo, funcionários públicos (garis e professores), comerciários, mototaxistas, moveleiros e outros, mas em alguns (cadastros)

¹⁷ Entrevista com Dagilza Oliveira Araújo, realizada no dia 4 de dezembro de 2021. 37 minutos e 24 segundos de gravação. Acervo das pesquisadoras.

¹⁸ Blog produzido por Host Amazonas, com notícias de Parintins relacionadas a política, esporte, entretenimento e política, desde 2019.

sequer a renda ou a profissão foram informados (Jornal Parintins24hs, por Fernando Cardoso, 2017)¹⁹

Essa fala do juiz reafirma a fragilidade econômica dos sujeitos que estavam envolvidos nos movimentos da mesma forma que a vice presidente do Castanhal classifica os moradores. Mesmo que sejam duas ocupações diferentes, consideramos que ambas aconteceram no mesmo período, a partir das mesmas necessidades e por pessoas que pertenciam a mesma classe social. Depois de alguns meses, o debate sobre reintegração de posse vem à tona mais uma vez. O presidente da associação do Pascoal Alágio narra os acontecimentos do dia 16 de Outubro de 2017 :

A reintegração de posse tava batendo na nossa porta, agora você imagina um pai de família como eu, com seis filhos, acordar de manhã, 5 da manhã e ver aquela, aqueles capa preta 200 policiais, 70 cães, fazendo... fazendo a, o reconhecimento da área. É um desespero. (Edinei Santarém, 2023)

No dia 21 de outubro, o jornal *Parintins Amazonas* divulgou a decisão que suspendia mais uma vez a reintegração de posse do Pascoal Alágio²⁰. Atualmente as lutas persistem e através da Associação dos moradores do Pascoal Alágio, muitas famílias mantem a esperança de ter sua casa própria, como afirma o presidente da Associação de Moradores Unidos por uma melhor Ocupação do Pascoal Alágio, durante o Evento Ocupar e Resistir realizado na UEA, “o Pascoal Alágio, hoje, tem cerca de 800 famílias, morando na ocupação do Pascoal Alágio da rua 1, atrás do Baratão, supermercado, até a rua 9, incluindo as casas populares” (Edinei Santarém, 2023).

3.2. OCUPAÇÃO DO CASTANHAL

De acordo com Plano Diretor, regulamentado pela Lei municipal nº 375/2006, especificamente na subseção I que diz respeito às áreas de interesse público para preservação e /ou conservação, o Castanhal é uma Unidade de Conservação (UC), que compete a proteção de espécies florestais nativas de área verde para lazer e educação ambiental. Desse modo, entre os diversos conflitos que envolvem a ocupação do Castanhal temos o fato de estar localizada em

¹⁹ Notícia do dia 05 de maio de 2017. Por Fernando Cardoso. Disponível em: [Justiça determina reintegração de posse do Loteamento Pascoal Alágio - Portal Parintins 24 Horas \(parintins24hs.com.br\)](https://parintins24hs.com.br/justica-determina-reintegracao-de-posse-do-loteamento-pascoal-alagio). Acesso em: 19 de fevereiro de 2023.

²⁰ Notícia do dia 21 de outubro de 2017. Por Hudson Lima. Disponível em: [Justiça suspende reintegração de posse do Pascoal Allágio e Lady Laura \(parintinsamazonas.com.br\)](https://parintinsamazonas.com.br/justica-suspende-reintegracao-de-posse-do-pascoal-allagio-e-lady-laura). Acesso em: 19 de fevereiro de 2023.

uma área de proteção ambiental (na zona leste de Parintins) por conter inúmeras árvores de grande porte denominadas castanheiras.

No ano de 2016, a agência de jornalismo independente e investigativo *Amazônia Real*, noticiou a ação dos trabalhadores que ocuparam a área próxima ao Bairro União, segundo a redação, a área foi ocupada por cerca de 150 famílias²¹, que vivem no local sem saneamento básico e serviços básicos de infraestrutura. Lucineli Menezes (2017), explica que:

As ocupações de áreas urbanas com a finalidade de construção de casas para moradia em sua maioria partem de grupos que se organizam em torno desta necessidade comum e decidem não mais esperar pela ação legal do Estado. Com o objetivo de alcançar seu intento de conquistar o direito à moradia e à cidade esses grupos elegem entre seus participantes alguns ou um líder a quem atribuem autoridade e representatividade para tomar decisões e iniciativas em prol da coletividade (MENEZES, 2017, p. 93)

Ao analisar as memórias dos sujeitos que protagonizaram a Ocupação do Castanhal, vimos a dificuldade em identificar os primeiros organizadores dessa ocupação. O processo de construção de memória do senhor Kildson Teixeira Roberto, atual presidente da Associação por Moradia do Bairro do Castanhal, começa a partir de 2016, ele relata:

Em 2016, quando o Castanhal se iniciou, (...) a ocupação, eu ainda não era líder, ainda não era representante. [...] Na época era o governo Carbrás²² quando se iniciou a ocupação do Castanhal por outras lideranças (Kildson Teixeira Barreto, 2023)²³

O presidente da associação do Castanhal explica que antes da primeira reintegração de posse, outros membros lideravam o movimento mas não chegou a citar nomes. Segundo o líder da ocupação do Pascoal Alágio, quando chegou a ordem de desocupação das áreas ocupadas, eles não sabiam quem era a pessoa de nome Kildson, então relata o início da parceria:

Quando a gente descobriu no ano de 2017 que ia ter a reintegração de posse, [...] chegou o Ofício pro Kildson. Cadê o presidente? Quem é o presidente? A gente não tinha presidente na ocupação, não tinha. E a gente ficou desesperado, bora descobrir quem é esse cara, bora atrás dele. E nós, até hoje a gente é grande amigo, a luta continua, não vai parar.” (Edinei Santarém, 2023)

Kildson explica que no início de sua trajetória na ocupação se viu sem experiência para liderar o movimento pois era muito novo, com pouco mais de 20 anos de idade. Antes

²¹ Notícia do dia 22/07/2016 às 16:04. Por Gabriel Ferreira Fragata. Disponível em: [Famílias ocupam área para conservar castanhais de Parintins - Amazônia Real \(amazoniareal.com.br\)](https://www.amazoniareal.com.br/familias-ocupam-area-para-conservar-castanhais-de-parintins). Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

²² Carlos Alexandre Ferreira da Silva (PSD), conhecido como Alexandre da Carbrás, filho do ex-prefeito de Parintins Carlinhos da Carbrás (PPB). Alexandre foi prefeito de Parintins entre os anos de 2012 a 2016..

²³ Kildson Teixeira Barreto em sua fala no evento “Ocupar e Resistir: Direito à moradia em Parintins” nos dias 23 e 24 de fevereiro de 2023.

mesmo de ser líder, foi preso em uma emboscada com outros moradores que atualmente não residem mais na ocupação, a partir dessas experiências foi consolidando sua liderança.

Menezes (2017) recorre à Lerbach (2012), para explicar que

Não são só as experiências políticas e os conhecimentos eruditos que contribuem para a formação de líderes, muitos são formados nas práticas cotidianas em que se envolvem como organização de equipes esportivas, atuação em atividades religiosas comunitárias comitês de organização de eventos. (LERBACH apud MENEZES, 2017)

Em 2020, o secretário municipal de Meio Ambiente de Parintins, Alzenilson Aquino afirmou ao *Jornal Reporter Parintins*²⁴ que “ali está acontecendo crime ambiental. Estão queimando as margens e embaixo das castanheiras, causando poluição e a morte dessas árvores”. Mais uma vez, a imprensa servindo de porta voz das elites, evidenciando a opinião de pessoas que não estão inseridas nas lutas por moradia, sem considerar as razões que levaram aquelas famílias para as áreas protegidas ou oferecer ao leitor uma fala que possa contestar as acusações, colaborando para invalidação dessas lutas por direito à moradia.

A moradia é um direito fundamental assegurado pela Constituição Federal de 1988, dessa forma, cabe aos poderes públicos promover políticas habitacionais que atendam as necessidades de moradia e de saneamento básicos dos cidadãos. Os moradores da ocupação residem no local há quase 7 anos, e até o momento não recebem nem um tipo de ajuda da prefeitura, vivendo entre promessas de permanência nas terras, ou ameaças de reintegrações.

3.3. OCUPAÇÃO DO RESIDENCIAL PARINTINS

Segundo Souza (2013), Parintins passou por um processo de urbanização “na década de 1980 (que) redefiniu as relações ocorridas entre a cidade e o campo”, nesse contexto muitas famílias de municípios próximos e comunidades rurais migraram para Parintins com expectativas de mudar de vida, as motivações variavam entre a busca de tratamento médico, continuação dos estudos e perspectiva de emprego, nesse contexto, o município passou a ser menos rural e mais urbano, porém, não houve planejamento urbano. A falta de políticas públicas para áreas rurais colaborou para o crescimento urbano desordenado de Parintins e gerou transtornos como desemprego, baixos salários, aluguéis caros, que levam as pessoas a recorrerem às ocupações.

²⁴ Notícia do dia 05 de maio de 2017. Por Eldiney Alcântara. Disponível em: [Reporter Parintins : Nova invasão em Parintins: Área de Reserva do Castanhal é ocupada](#). Acesso em: 19 de fevereiro de 2023.

Uma das competências comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, é “promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico”²⁵ essa competência em específico, serve como garantia dos direitos sociais básicos de cada brasileiro em ter um lugar adequado para morar, visto que não se trata apenas de ter uma casa, é necessário pensar em tudo que envolve uma vida de qualidade.

No ano de 2009, foi decretada a lei nº 11.977, de 7 de julho de 2009, a qual regulamenta o Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores. Em Parintins, foram pensados projetos habitacionais, a partir do PMCMV, para promover moradia através de financiamento. Esse programa originou o Conjunto Habitacional Vila Cristina, localizado na estrada do Macurany (lado oeste da cidade), suas primeiras casas foram entregues no ano de 2014 pela NV construtora, pois partiu de uma iniciativa privada em conjunto com a Caixa Econômica. O Conjunto Habitacional Parintins Parintins, o residencial Parintins, trata-se do mesmo projeto, distinguindo-se apenas pelo setor, e este é o que iremos tratar neste tópico.

Posteriormente ao governo de Lula (PT), no ano de 2010, o Brasil vivenciou um fato histórico com a primeira mulher eleita (e reeleita) à presidência, Dilma Rousseff também do PT, que deu continuidade ao programa PMCMV, mas que logo após ser reeleita sofreu impeachment em 2015. É importante fazer essa relação com o contexto político nacional pois as obras dos programas habitacionais foram paralisadas no mesmo período que corresponde a saída da presidente Dilma (PT), e o novo governo de Michel Temer (PMDB), que assumiu a presidência, não retomou as obras.

O Conjunto Habitacional Parintins (residencial Parintins), também fica localizado na estrada do Macurany, segundo o jornal online *Reporter Parintins*, a obra começou em 2012, com a ideia de construir 890 casas para famílias de baixa renda e tinha previsão, a princípio de entregar as residências em 2015²⁶, em 2016, o mesmo jornal noticiava que as famílias sorteadas deveriam esperar até janeiro de 2017 para ter posse das casas²⁷. O atraso das obras, coincidiu com a falta de moradia de outras famílias que foram sorteadas e famílias não sorteadas.

A Associação de Moradores do Residencial Parintins possui relatórios anuais descrevendo todas as atividades desenvolvidas na ocupação pela presidência da associação ou

²⁵ Inciso IX do Art. 23 da Constituição Federal de 1988.

²⁶ Notícia do dia 21 de julho de 2016. Por Marcondes Maciel. Disponível em: [Reporter Parintins : Residencial Parintins será entregue em 2017, afirma CEF](#). Acesso em: 15 de novembro de 2022.

²⁷ Notícia do dia 21 de julho de 2016. Por Marcondes Maciel. Disponível em: [Reporter Parintins : Residencial Parintins será entregue em 2017, afirma CEF](#). Acesso em: 15 de novembro de 2022.

por órgãos municipais. Consideramos este documento uma fonte rica que nos permite ter informações mais específicas sobre a história da ocupação do Residencial. De acordo com o relatório de ações desenvolvidas no Residencial Parintins de 2022, a obra estava em total abandono em 2019. Foi a partir da iniciativa de algumas famílias contempladas no programa, que no dia 02 de julho de 2019, houve a ocupação do local. Durante a participação no evento Ocupar e Resistir, Rafaela Ribeiro, presidente da Associação de Moradores do Residencial Parintins, relatou que:

Na época, as casas populares, eu já era sorteada da, uma das sorteadas do projeto que existia na época, da ocupação que teve no Nova Conquista²⁸, que é as casas populares. Eu era uma das, sou uma das sorteadas. Brincaram com meu sonho, com o sonho da minha família, com o sonho dos meus filhos. [...]. Quando a gente ocupou as casas populares, foi por esse motivo, porque eram nosso dinheiro público, nossos dinheiro de novo que estava naquelas casinha, estavam sendo depredadas, as casas já estavam, algumas já estavam todas nas telhas. Conclusão, não tinha mais nada (Rafaela Ribeiro).

Para Rafaela, as ocupações foram motivadas pra evitar a depredação do local que estava quase finalizado pois, segundo ela, era com o dinheiro público que tudo havia sido construído. Além de mencionar que os responsáveis pela construção haviam brincado com o sonho dela de ter sua casa própria, seu relato é importante para pensar sobre quantas mães almejam um lugar para estar com seus filhos. A moradia simboliza a segurança e autonomia dessa mulher que participou dos movimentos sociais.

De acordo com sua narrativa, antes de ocupar o Residencial Parintins, ela morava em outra ocupação denominada Nova Conquista, atual ocupação do Pascoal Alágio. Ela também explicou que seu objetivo era garantir o direito à moradia e transformar o Residencial Parintins num ambiente com serviços essenciais, como transporte, educação, saúde e trabalho. Para isso desenvolveu diversos projetos na comunidade. No evento Ocupar e Resistir: Direito a moradia em Parintins/AM, ela mostrou os resultados de sua luta, que são: fornecimento de água potável, instalação do sistema de iluminação, serviços de coleta de resíduos sólidos (realizado 3 vezes na semana), ações de saúde (atendimento médico e vacinação), e a mobilização da comunidade na participação de eventos religiosos, esportivos, manifestações em busca por melhorias na ocupação e a criação da Casa Comunitária Francisco Salles²⁹, que realiza os atendimento das famílias em vulnerabilidade social. Esses são alguns resultados divulgados no documento que tive acesso com a senhora Rafaela, referente as atividades realizadas em 2022.

²⁸ O Nova Conquista é outra área de ocupação de terras adjacente ao Bairro Pascoal Alágio, mas que não é tratada neste trabalho.

²⁹ O nome é em homenagem ao senhor Francisco Salles, um dos primeiros moradores do Residencial Parintins, que faleceu no dia 27 de novembro de 2021, vítima de acidente na Estrada do Macurany.

Dessa forma, podemos perceber a organização dessas famílias, que desde 2019 buscam se regularizar nas casas do Residencial Parintins, porque segundo eles, não tem alternativas de sobrevivência sem aquelas casas. Por isso, afirmam estar em contante diálogo com os representantes da Caixa Econômica Federal para pagar de forma justa as residências.

4. MULHERES, LUTAS POR MORADIA E MEMÓRIA.

Ter um lar é quesito básico e indispensável para todos, mas quando se é mulher, as noções sobre a garantia de ter um lugar seguro e adequado para morar tornam-se mais sensíveis; podemos perceber a validade dessa afirmativa através do quantitativo de mulheres que protagonizaram as ocupações em Parintins desde a década de 1990.

A colaboradora da ocupação do Castanhal³⁰ nos conta que o processo de conquista da sua residência foi lento e com muitos desafios: “trabalhava, saía do trabalho, ia buscar meu filho lá em casa, daí eu vinha reparar o terreno pra mamãe, até ela vir do interior” (colaboradora 01, 2022)³¹. Em sua narrativa ela conta que tomou a iniciativa, quando casada, de ir para a ocupação, a princípio para guardar um terreno para sua mãe, que morava na zona rural de Parintins. A colaboradora era empregada doméstica, e morava na casa da sogra localizada no bairro Palmares.

Antes de iniciarmos as gravações da entrevista, a colaboradora havia dito que seu ex companheiro foi contra a ideia de ocupar o terreno e ao ser perguntada durante a gravação sobre o motivo, respondeu apenas “eu não sei” (Colaboradora 01, 2022). Configuramos sua fala no que Michel Pollak classifica como “não-dito”, que são tipos “de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLAK, 1989, p. 6). E também pode ser interpretado como acomodação por parte do seu ex companheiro, que não via problema em estar na casa de sua mãe, diferente da realidade da colaboradora que não se sentia confortável morando com a ex-sogra, então podemos perceber que ela tinha mais razões do que ele pra lutar por uma moradia.

Sobre os motivos de seu marido não aceitar vim pra ocupação ela diz: “porque não dava né, porque ele trabalhava, aí ele falava, né. Mas aí quando a gente quer uma coisa a gente vai. (...) A gente coloca dificuldade de lado e umbora, né?” (Colaboradora 01, 2022). Ao

³⁰ Ocupação originada em 2017, em uma área de preservação da cidade. Essa possui esse nome por haver inúmeras castanheiras no local, se tornando um perigo para os moradores.

³¹ Entrevista realizada no dia 8 de maio de 2022, com uma colaboradora residente na ocupação do Castanhal.

analisar essa narrativa, percebemos que mesmo contra a vontade do seu marido com quem vivia naquele momento, viu a oportunidade de ter sua casa própria, e não mediu esforços quanto à falta de transporte, segurança, e por ser um local, até então, sem luz elétrica e água encanada. Ela encarou todos os desafios pois tinha esperança de um futuro melhor para seus filhos, além de contar com o incentivo de sua família que já estava na ocupação, simbolizando uma rede de apoio para ela.

Diana Helene (2019) explica que as relações entre empoderamento feminino e os ganhos de autonomia das mulheres ao participarem desses movimentos são evidentes e envolvem fatores relacionados à formação do capitalismo e das cidades no tocante às desigualdades de gênero. Frases como “Hoje eu posso dizer que eu tenho uma casa, né?” (colaboradora 01, 2022) e “uma casinha pra mim tá com meus menino” (colaboradora 01, 2022), estão presentes no discurso da entrevistada que reside há mais de quatro anos na ocupação do Castanhal.

Muitas mulheres que protagonizam as ocupações tanto no contexto nacional, quanto local, em sua maioria estão restritas aos afazeres domésticos, ou possuem trabalho informal, sem carteira assinada; isso reflete na qualidade de vida delas e conseqüentemente dos seus filhos. De acordo com Helene (2019), as dificuldades de acesso à moradia no Brasil são marcadas pela histórica exclusão da terra e do mercado de trabalho das camadas mais pobres e abarcam condições ainda mais dramáticas quando se é mulher.

A colaboradora Maisa, formada em Educação Física na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), é vice presidente da Associação por Moradia do Bairro do Castanhal, reside na ocupação e esteve presente no evento realizado na UEA sobre Direito à moradia em Parintins, ressalta em sua fala principalmente as memórias de movimentos realizados na primeira reintegração de posse do Castanhal, ocasião em que as mulheres da ocupação fizeram uma corrente humana para evitar a reintegração das terras. Uma das falas que considero muito importante é quando ela diz:

Muitas das ocupações ela vem da força de mulher. É a mãe que tem o cuidado de não ser retirada daquele local porque quer uma moradia pra colocar os seus filhos. É a força da mulher, que sabe quanto é pagar um aluguel e não saber que aquele dinheiro vai ter o retorno. E tu deixa de comer, tu deixa de comprar uma coisa pra eles. Então, assim, falando de mulher e de força das mulheres e foi isso tudo que se deu naquele primeiro momento. Fizemos uma corrente humana de mulheres, naquela corrente humana tinha mulheres grávidas, mulheres com crianças no colo (Maysa Nunes Bentes, 20223)

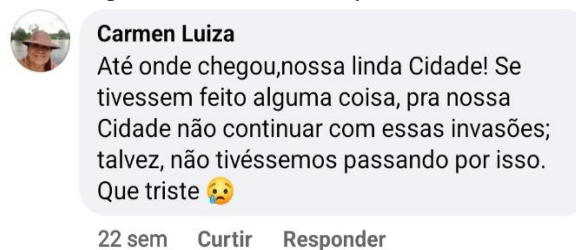
Maísa afirma que essa ação tinha um segundo objetivo que era mudar a visão da sociedade sobre o ocupantes, pois sendo mãe, trabalhadora, via a necessidade de alertar a

população que dentro das ocupações não “moram só traficantes” (Maysa Nunes Bentes, 2023). Entretanto, durante a entrevista com nossa colaboradora anonima, ela afirmou que durante o ato realizado pelas mulheres das ocupações, preferiu apenas desmontar sua casa e guardar as madeiras no quintal da casa da sua irmã que reside no Bairro União.

Ao utilizar os jornais digitais neste trabalho e especificamente sobre as notícias que envolvem a luta por terra, não pude descartar as que estão ligadas à violência, visto que faz parte das pautas jornalísticas por atrair o leitor. Essas notícias são comunmente divulgadas em redes sociais como o Facebook³² e uma vez estando lá, geram comentários da comunidade. É interessante pensar que, assim como as primeiras ocupações de embate que ocorreram na década de 1990 eram responsabilizadas pela violência urbana, as atuais também são.

Como podemos ver no exemplo a seguir que trata de um comentário na notícia do Parintins Press³³, informando que uma criança de 2 anos de idade, foi atingida por tiro na ocupação Castanhal e faleceu no Hospital Jofre Cohen, a notícia comoveu os internautas, e atingiu mais de mil reações, 72 compartilhamentos e 146 comentários, dentre eles, o da senhora Carmen Luzia exposto abaixo:

Figura 05: comentário na página do facebook do Parintins Press, notícia sobre o Castanhal³⁴
Captura da tela de Kennely Rabelo, 2022.



Deise Oliveira explica que “o crescimento urbano de Parintins na visão do jornal está ligada a questão da pobreza, violência e falta de educação [...] o Novo Horizonte não vê como um problema social que estão presentes nas diferentes sociedades, e que isso não seria diferente em Parintins” (OLIVEIRA, 2011). Hoje as interpretações do jornal Novo Horizonte estão

³² Ressaltamos que, atualmente, a imprensa utiliza as redes sociais (Instagram, Facebook e Twitter) como estratégia de divulgação. Não é apenas os jornais digitais que possuem contas nessas redes sociais. A grande imprensa que utiliza os dois formatos (on-line e o jornal impresso) também fazem divulgação nas redes. Geralmente, se coloca o título da notícia e um breve comentário para que a pessoa clique e seja destinada ao site do jornal. A divulgação da imprensa nestas redes sociais geram muita interação como respostas e compartilhamentos.

³³ É uma página de notícias disponível no Facebook, Instagram e Site desde 3 de abril de 2018. A página do Facebook possui mais de um administrador e totaliza 65 mil seguidores.

³⁴ Notícia do dia 28 de setembro de 2022. Título: Menino de 2 anos morre em Parintins, após ser baleado. Link do facebook. Disponível em: [Parintins Press - Menino de 2 anos morre em Parintins... | Facebook](#). Acesso em: 19 de fevereiro de 2023.

enraizadas no município, resultando na visão hegemônica que dentro da periferia se concentra todo o problema urbano, como se não acontecesse da mesma forma em outros bairros da cidade.

O comentário acima, pode ser analisado de diversas formas, mas podemos pensar pelo sentido do “jogo de identidades” abordado por Stuart Hall (1932-2014) onde uma funcionária negra sofreu assédio sexual do juiz Thomas. A partir da repercussão do caso, havia mulheres brancas feministas que apoiavam a vítima, mas também havia mulheres brancas conservadoras que apoiavam o juiz por ser contra o feminismo. Se o “certo” seria mulheres apoiando mulheres, o que aconteceu foi uma polarização a partir das ideologias e das classes sociais.

Parintins desenvolveu-se a partir das ocupações por consequência do déficit habitacional, muitas mulheres mães não tiveram escolha entre ocupar um terreno, ou passar fome pagando aluguel. Dessa forma, o comentário tecido por uma mulher expressa o preconceito e a falta de empatia por não se colocar no lugar das inúmeras mulheres que vivenciaram aquela realidade. Querer que não haja “invasões”, é ser contra a luta por moradia digna, educação, saúde e outras questões que são necessárias para ter uma vida digna.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa, podemos conhecer a visão da imprensa sobre as ocupações de terras que ocorreram a partir de 2017 em Parintins, e apresentar através das narrativas orais de seus protagonistas os motivos que levaram essas famílias à ocupar as terras. Acerca dos noticiários, percebemos que propagam informações que contribuem para uma visão hegemônica sobre as ocupações, denominando as famílias como invasores e causadores das mazelas sociais tal qual era feito nos noticiários de 1990 a respeito das primeiras ocupações no município.

Da mesma forma com as mulheres, muitas delas vão para as ocupações apenas com o desejo de ter sua casa própria e um futuro melhor para seus filhos. Vencer essas adversidades de acesso à moradia e enfrentar os desafios para a sobrevivência das suas famílias é histórico. Escrever sobre as mulheres que moram nas ocupações como sujeitos sociais importantes para a história de Parintins é significativamente, pois comprova que os subalternizados também podem fazer parte das produções historiográficas tanto quanto os grandes nomes.

De certa forma, este trabalho serviu para apresentar ao leitor um confronto das interpretações dos jornais digitais e impressos relacionadas à essas localidades, com as realidades dos moradores, afim de evidenciar as lutas por moradia como um direito básico de cada cidadão brasileiro. Concluo que, as lutas pelo reconhecimento das áreas continuam até o

momento da realização do trabalho, com reivindicações realizadas pela comissões das ocupações. Os moradores lutam não apenas por uma casa para se fixar, mas por dignidade em sua moradia, com direito à transporte, saúde de qualidade, trabalho digno, escolaridade e serviços básicos de infraestrutura.

FONTES

SITES ACESSADOS

Guia de mídia. Disponível em: <https://www.guiademidia.com.br/amazonas/jornais-de-parintins.htm>

JORNAIS VIRTUAIS

AM em Pauta. Disponível em: <https://amempauta.com.br>

Parintins Amazonas. Disponível em: <https://parintinsamazonas.com.br>

Reporter Parintins. Disponível em: [Reporter Parintins - Jornalismo de Verdade](#)

Parintins Press. Disponível em: <https://www.parintinspress.com.br>

Parintins24hs: Disponível em: <https://parintins24hs.com.br/>

ENTREVISTAS GRAVADAS

Colaboradora 01: Anônima, moradora da Ocupação do Castanhal, entrevista realizada dia 8 de maio de 2022 na residência da colaboradora.

Colaboradora 06: Dagilza Oliveira Araujo, moradora da Ocupação do Pascoal Alágio. Entrevista realizada no dia 04 de dezembro de 2021.

DISCUSSÕES GRAVADAS NO EVENTO “OCUPAR E RESISTIR”:

Colaboradora 02: Rafaela Alfaia Ribeiro, Presidente da Associação de Moradores do Residencial Parintins (AMRP), gravação realizada no dia 23 de fevereiro de 2023.

Colaboradora 03: Edinei Almeida Santarém. Presidente da Associação de Moradores Unidos por uma Melhor Ocupação Pascoal Alágio, gravação realizada no dia 23 de fevereiro de 2023.

Colaboradora 04: Kildson Texeira Roberto. Presidente da Associação por Moradia do bairro do Castanhal, gravação realizada no dia 23 de fevereiro de 2023.

Colaboradora 05: Maisa. Vice Presidente da Associação por Moradia do bairro do Castanhal, gravação realizada no dia 23 de fevereiro de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Basanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

ALMEIDA, Fábio Chang de. **O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas**. AEDOS, Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS. Num.8, vol. 3, Janeiro - Junho 2011.

BARBOSA, Daiana Silva. **A pesquisa histórica “nos e por meio dos periódicos”: Os “negócios de Macaúbas” (1878- 1881).** VIII Encontro Estadual de História. ANPUH BA, feira de Santana, 2016.

BITTENCOURT, Antônio C. R. **Memória do município de Parintins.** Estudos Históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, turismo e desporto, 2001.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa na história do Brasil** – São Paulo: Contexto / EDUSP. 1988.

CASTRO, Hebe. História Social. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.) **Domínios da História.** 1997.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO Maria do Rosário. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa.** *In:* Projeto História: Revista do programa de Pós-Graduados em História e do departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. N. 0 (1981) - . –São Paulo : EDUC, 1981.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões, novos desafios. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro. Elsevier. 2012, pp 169-186.

FIGUEIREDO, Luciano R. HISTÓRIA E INFORMÁTICA: O USO DO COMPUTADOR. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia.** Elsevier, 2ª edição, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. Loyola, São Paulo: 1997. Guia de Mídia.

HELENE, Diana. Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. **Cadernos Metrópole,** São Paulo, v. 21, n. 46, p. 951-974, set./dez. 2019.

LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil (1916-1925) na História da Imprensa.** Travessia: Revista de literatura – n. 32. Ilha de Santa Catarina, jan-jul, 1996; p 94-123.

MENEZES, Lucineli de Souza. **Ocupação, conflitos e conquistas: a luta pelo direito à terra pela moradia e a formação do Bairro Itaúna I/Parintins-Amazonas.** Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 2017.

MOTTA, Marcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro. Elsevier. 2012, pp 21-36.

MUNIZ, Kássia Maria da Silva. **IMPRESA E PODER EM PARINTINS ATRAVÉS DOS JORNAIS “O MÉDIO AMAZONAS” E “O PARINTINS” NAS DÉCADAS DE 1980 E 19901.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), 2019.

OLIVEIRA, Deise. **As interpretações do jornal Novo Horizonte sobre o crescimento em Parintins.** Monografia de Conclusão de Curso, do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), 2011.

OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de Oliveira. **Gênero e poder político na câmara municipal de PParintins nas décadas de 1950 e 1960: trajetória de Geminiana Bulcão**

- Bringel.** Trabalho de Conclusão de Curso, do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), 2018.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 10, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. **História oral e poder.** *Mnemosine*, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente.** *Proj. História*. São Paulo, (14), fev, 1997, p. 05.
- RODRIGUES, Jheniffer Natividade. **PELO DIREITO A CIDADE: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MULHERES NAS OCUPAÇÕES DOS BAIROS ITAÚNA II E PAULO CORREA EM PARINTINS.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), 2020.
- SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação. 2013.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2013.
- TAVARES, Célia Cristina da Silva. **História e Informática** *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro. Elsevier. 2012, pp 21-36.
- RANGEL. Carlos Roberto da Rosa, **A CIDADE COMO OBJETO DA HISTORIOGRAFIA.** *In:* REVISTA DE HISTÓRIA [21]; João Pessoa, jul./ dez. 2009.
- ROLNIK, Raquel. **História Urbana: história na cidade?** Universidade de São Paulo, Janeiro, 1993.
- SOUZA, Lucineli. **Ocupação, conflitos e conquistas: a luta pelo direito a terra para moradia e a formação do bairro de Itaúna I/Parintins-Amazonas.** 2017.